



O sujeito fragmentado: relações entre a pós-modernidade e o conto “Nos olhos do intruso”

The Fragmented Subject: Relationships between the Post-Modernity and the Tale “Nos olhos do Intruso”

Estella Maria Bortoncello Munhoz

Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, Rio Grande do Sul / Brasil

munhozestella@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-9907-5624>

Márcio Miranda Alves

Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, Rio Grande do Sul / Brasil

mmalves2@ucs.br

<http://orcid.org/0000-0001-6455-7332>

Resumo: Este artigo analisa o conto brasileiro “Nos olhos do intruso”, de Rubens Figueiredo, e sua relação com a pós-modernidade. Por meio da temática do duplo, observa-se o comportamento do protagonista e sua identidade multifacetada. O aporte teórico do trabalho é baseado nos estudos de Harvey (2008), Hall (1986), Lyotard (2009), Rosset (2008) e outros autores. Constata-se que a estranheza causada pelo enredo e as polissemias da narrativa dialogam com os conceitos da pós-modernidade, segundo os quais os sujeitos são caracterizados por identidades efêmeras e fragmentadas. Conclui-se que o protagonista do conto pode ser visto como um representante da pós-modernidade: um sujeito múltiplo, móvel, descentrado, deslocado, intruso em seu próprio meio e em seu próprio corpo.

Palavras-chave: literatura brasileira; pós-modernidade; identidade; duplo; Rubens Figueiredo.

Abstract: This article analyses the brazilian tale “Nos olhos do intruso”, by Rubens Figueiredo, and its relation with the post-modernity. For this, the protagonist’s behavior and his multifaceted identity are observed through the theme of the double. The theoretical approach comprises studies by Harvey (2008), Hall (1986), Lyotard (2009), Rosset (2008) and other authors. It is concluded that the strangeness, caused by the narrative events and the multiple meanings, dialogue with the concepts of post-modernity, according to which subjects are characterized by ephemeral and fragmented identities. In this way, the protagonist of the tale can be seen as a representative of post-modernity: he is a multiple, mobile, off-center and displaced subject, interloper on his own environment and on his own body.

Keywords: Brazilian literature; post-modernity; identity; double; Rubens Figueiredo.

1 Introdução

Hoje, que seja esta ou aquela,
pouco me importa.
Quero apenas parecer bela,
pois, seja qual for, estou morta.

Já fui loura, já fui morena,
já fui Margarida e Beatriz,
já fui Maria e Madalena.
Só não pude ser como quis. [...]
(MEIRELES, 2003, p. 127)

O excerto do poema “Espelho”, de Cecília Meireles dialoga com a pós-modernidade e suas possibilidades de múltiplas identidades. O eu lírico do poema não é um só, mas se fragmenta em vários, sendo ou deixando de ser um ou outro a qualquer momento. O poema ainda causa efeitos melancólicos, pois o leitor se depara com o sentimento de quem se sente morto e nunca pôde viver como desejava.

A possibilidade de ser muitos ao mesmo tempo relaciona-se com a fragmentação do sujeito pós-moderno. Na pós-modernidade, a pluralidade encanta os indivíduos e também causa pessimismo, por descentralizar e tornar móveis estruturas outrora fixadas. Nesse contexto de turbulência e caos, emerge a identidade fluida do ser pós-moderno.

Para Hall (2006), a identidade se forma ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, e existe algo imaginário sobre sua unidade. Assim, ela está sempre incompleta, porque faz parte de um processo contínuo e se modifica durante a interação do indivíduo com a sociedade. Essa incompletude e instabilidade são perceptíveis no comportamento do protagonista do conto “Nos olhos do intruso”, do escritor brasileiro Rubens Figueiredo.

O autor nasceu no Rio de Janeiro em 1956, é romancista e tradutor de autores como Dostoiévski e Philip Roth. Foi contemplado com o prêmio Jabuti pelo livro *As palavras secretas* (1999) e *Barco a seco* (2002). Por meio de temáticas abrangentes, Rubens Figueiredo desvela a condição humana e representa traços da contemporaneidade. No conto analisado, um personagem sofre as influências da pós-modernidade e tem sua identidade fragmentada pelo meio. A narrativa faz parte da coletânea *Os cem melhores contos brasileiros do século*, organizada por Ítalo Moriconi e publicada pela editora Objetiva em 2001.

Este artigo tem por objetivo analisar, por meio dos apontamentos de Harvey (2008), Hall (1986), Lyotard (2009), Rosset (2008) e outros autores, a relação que o conto estabelece com as características da pós-modernidade. A partir de um olhar para a presença do duplo, busca-se observar como o conto “Nos olhos do intruso” representa, no plano simbólico, o sujeito fragmentado que se multiplica e vive uma realidade transitória e circular, imposta pelo tempo e espaço que ele habita.

2 Olhares sobre a identidade na pós-modernidade

A pós-modernidade é foco de estudo de diversas áreas, estando associada aos processos histórico e cultural da sociedade. Ainda que o termo seja bastante difundido, conceituá-lo nem sempre é fácil. Diferentes autores o definem a partir de seus recortes e estudos, no entanto, mesmo com a ausência de um consenso, os diálogos estabelecidos entre os pensadores permitem uma reflexão acerca desse período volátil, que implica mudanças na coletividade e no próprio indivíduo.

Lypovetsky (2004) define a pós-modernidade como uma radicalização da modernidade, sem que haja, necessariamente, uma ruptura entre um período e outro. Assim, é como se o novo período fosse um excesso do que já existia sem, contudo, estabelecer um rompimento em relação ao passado. Para ele, a pós-modernidade é, portanto, uma modernidade exagerada e de consumo imoderado.

Harvey (2008, p. 19), por outro lado, aponta a pós-modernidade como um período de diferenciação com o passado: “a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança dos discursos universais são o marco do pensamento pós-moderno”. O autor, inclusive, cita que a passagem de um período a outro possui uma data simbólica, a saber, julho de 1972, quando *Pruitt-Igoe*, uma construção moderna nos Estados Unidos, foi dinamitada, dando espaço a um outro tipo de arquitetura no mundo, menos padronizada e com viés mais humanizador.

Nesse sentido, a destruição de um padrão e a abertura de espaço para ideias plurais também emerge de um novo ambiente – especialmente urbano – mais multifacetado e complexo. A concepção de destruição de verdades universais implica diferentes constituições do sujeito. Nesse sentido, “as identidades flutuam no ar” (BAUMAN, 2005, p. 9). O que, no período anterior, era definido como algo estável e inerente ao indivíduo,

na pós-modernidade, passa a ser caracterizado pelas constantes mudanças dos espaços, das relações e das pessoas. Isso porque, assim como flutua, a identidade também “se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais” (CUCHE, 1999, p. 183).

O indivíduo, portanto, nunca está sozinho, visto que se insere em um contexto social. Consoante Lyotard (2009, p. 28), “o si mesmo é pouco, mas não está isolado; é tomado numa textura de relações mais complexas e mais móveis do que nunca”. Ao se referir às relações móveis, o autor conecta a descentralidade com o período pós-moderno. Trata-se de uma época em que discursos, instituições e saberes científicos legitimados se dissolvem em meio ao mundo cibernético e informacional: “O grande relato perdeu sua credibilidade” (LYOTARD, 2009, p. 69). Com a ausência de ponto de referência, a sociedade move-se de modo instável e heterogêneo, gerando desordem e rompimento de paradigmas. Ainda que o indivíduo não esteja só, há uma decomposição de vínculos, pois Lyotard (2009) explica que as coletividades sociais passam a ser átomos individuais. Esses átomos ocupam diferentes posições em jogos de linguagem da sociedade.

Dessa forma, o sujeito pós-moderno faz parte de uma textura de relações complexas e móveis que percorrem os circuitos de comunicação de seu contexto histórico. Nessas relações efêmeras e, por vezes, superficiais, cada sujeito constitui sua identidade fragmentada e até mesmo esquizofrênica. Harvey (2008) dialoga com essa ideia e defende que o fenômeno pós-moderno decorre da ausência de uma referência fixada que possa guiar os indivíduos. Nessa quebra de estruturas e criação de novos paradigmas, a “perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada de deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2006, p. 9) e também constitui uma crise de identidade. Essa crise está relacionada à pluralização dos indivíduos, que produz a variedade e a diversidade:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições (HALL, 2006, p. 75).

O resultado disso é o desaparecimento da identidade unificada, sólida, coerente e segura, que passa a existir apenas na fantasia. A multiplicidade cambiante de identidades possíveis permite que cada um se identifique, ao

menos temporariamente, com algumas delas no percurso da vida, já que “o sujeito [...] está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

Bauman, conhecido por cunhar o conceito de *modernidade líquida*, também defende a teoria de que as identidades não são mais sólidas e cada um se reinventa de forma volátil. Isso porque, “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 33). Assim, as identidades passam a ser ambivalentes.

Essas características da identidade do sujeito pós-moderno podem ser percebidas na vida do protagonista do conto “Nos olhos do intruso”, de Rubens Figueiredo. Por meio da dúvida e da ambivalência provocadas pelo enredo surreal, o conto revela um sujeito urbano fragmentado e completamente inserido nesse período de efemeridade. A narrativa, portanto, ainda que não cite a pós-modernidade e sequer localize a história no tempo e espaço, contém traços que se vinculam ao período mencionado. Trata-se de uma história que, criada em meio à pós-modernidade, reflete os fenômenos sociais ao seu redor, permitindo ao leitor melhor compreender sua própria condição pós-moderna.

3 Pós-modernidade e identidade fragmentada “Nos olhos do intruso”

O conto “Nos olhos do intruso” trata de um homem que encontra uma pessoa igual a si próprio na saída de um teatro. A partir desse episódio, ocorrem mudanças na vida do personagem, que passa a ser visto em locais que nunca frequentou. Assustado com esses acontecimentos e acreditando que havia uma pessoa igual a ele na cidade, o protagonista resolve se mudar. No entanto, nesse outro espaço, surge um novo duplo, e a história, de modo um pouco diferente, parece se repetir.

Por ser contado em primeira pessoa, o conto apresenta a visão de um narrador que participa da história¹. O fato de haver uma narração subjetiva faz com que os acontecimentos não sejam apresentados com clareza, de forma que o leitor não consegue ter certeza se o que o narrador conta é

¹ Para Genette (1995), os narradores podem ser de diferentes tipos, sendo duas as possibilidades principais: (1) o heterodiegético, que narra, mas não é personagem; e (2) o homodiegético, que narra e participa da história.

real ou apenas um delírio². O foco narrativo, ao mesmo tempo que permite ao leitor mergulhar nos pensamentos e temores do personagem, faz com que ele, assim como o protagonista, também se sinta confuso frente aos acontecimentos incomuns. O ponto de vista, portanto, corrobora os sentidos da história, enfatizando o olhar truncado do narrador acerca da alteridade e de si mesmo. Para Marçal (2009), sob o olhar do narrador, as circunstâncias oscilam entre a explicação racional e lógica para os acontecimentos extranaturais e a aceitação da existência de fenômenos que escapam dos pressupostos científicos.

Além das incertezas diante do discurso do narrador, o leitor, por sua vez, não consegue localizar o conto em um tempo e espaço específicos. O que fica explícito é que o personagem percorre o ambiente urbano, frequentando ruas, teatros, barbearias e espaços que condizem com a paisagem do local. Por não delimitar o espaço, indicando geograficamente uma localidade única, os sentidos da história são expandidos, como se qualquer espaço urbano pós-moderno pudesse servir de plano de fundo para os estranhos acontecimentos do enredo. Para Harvey (2008, p. 96), “ficção, fragmentação, colagem e ecletismo, todos infundidos de um sentido de efemeridade e de caos, são, talvez, os temas que dominam as principais práticas do projeto urbano [pós-moderno]”.

O encontro com o primeiro duplo ocorre na cidade em que o narrador chega no início da história. Esse fato parece ser o ponto de partida para os demais acontecimentos estranhos, visto que é nessa cidade que o protagonista encontra seu sócio e que sua vida se abre para um trágico destino: “Advertências que repetiam a verdade mais simples, não há como negar. Hoje, parecem ressoar a voz de um oráculo” (FIGUEIREDO, 2001, p. 540). Por meio do excerto, infere-se que o narrador fora avisado sobre as consequências negativas da mudança para a cidade, em uma alusão à voz da tradição que se impõe e nega a pós-modernidade. Há, portanto, o estabelecimento de forças antagônicas entre o paradigma e a transformação.

Assim, por meio das atitudes do protagonista, as mudanças exteriores, isto é, no meio urbano, parecem refletir na individualidade do narrador. As advertências a respeito da cidade ignoradas pelo inocente homem

² Para Rosset (2008, p. 17), há casos em que o indivíduo se afasta do real e desloca sua visão, de forma que ele passa a enxergar seu redor de uma maneira diferente, convencido de que tudo é verdade: “o iludido vê, à sua maneira, tão claro quanto qualquer outro”.

acarretaram uma espécie de loucura, de fragmentação da realidade. O meio urbano e seus atrativos são um convite irresistível ao personagem, pois a cidade é a representação da pós-modernidade, desse espaço que influencia na identidade do personagem e que inverte qualquer tentativa de busca pela verdade e pela estabilidade.

Não é possível identificar no conto se há um personagem com distintas personalidades ou se existem três personagens que se parecem. O narrador, a partir de seu olhar, não permite que se chegue a uma conclusão a esse respeito. A ausência de um nome para o protagonista também indica uma personalidade escorregadia, uma identidade de difícil definição. A relação entre o personagem e seus sócias se torna ainda mais instigante, pelo fato de que, ao final do conto, o leitor não consegue distinguir com clareza qual dos três homens é a pessoa “verdadeira”, bem como se há uma possível “versão original” entre eles, ou se tudo não passa de uma perturbação mental do narrador.

A perturbação e o esquecimento iniciam o conto por meio da frase: “Não lembro a primeira vez”. Assim, tem-se, ainda no início, a presença de um narrador que parece andar em círculos e de forma inconsciente. O narrador-personagem surpreende-se com seu entorno, sem saber de que maneira as coisas confluíram para o presente que vislumbrava: “[...] aqui e ali comecei a ouvir comentários: aquela é a cidade que interessa, é onde as coisas acontecem, o futuro fugiu” (FIGUEIREDO, 2001, p. 540). Essa cidade que o atrai, a busca pelo futuro e pelo novo são elementos que transformam a vida do protagonista e que dialogam com o tempo representado: quando o narrador afirma *não lembrar da primeira vez*, é como se ele não tivesse consciência da forma como as mudanças iniciaram, mesmo assim, ele sente os efeitos dessas transformações, o que dialoga com o próprio início incerto da pós-modernidade.

Logo no início do conto, a tensão entre o passado e o presente se manifesta: “Talvez eu pudesse ter ficado como estava, talvez o futuro ainda dormisse bem longe até hoje” (FIGUEIREDO, 2001, p. 540). A possibilidade de regressar a um passado onde o narrador *ainda dormisse bem* mostra a instabilidade e o mal-estar que o presente lhe causa. Há uma dualidade entre um passado seguro e uma atualidade oscilante que dão pistas sobre a relação do texto com o espetáculo da pós-modernidade e suas diferenças com a modernidade.

O que mostra essa transformação na vida do narrador é sua ida ao teatro. Nas palavras do personagem:

O espetáculo consistia muito mais na velocidade e na perfeição das metamorfoses dos atores. Em poucos minutos, eles trocavam de roupa, peruca e maquiagem, encarnavam outra voz, outra personalidade, e tudo com um vigor que só podia nascer de um tipo de vida (FIGUEIREDO, 2001, p. 540).

É nesse teatro da rapidez, da agilidade e da encenação que o narrador vê sua vida ser transformada. Harvey (2008, p. 15) analisa a obra de Raban, *Soft City*, para explicar a cidade na pós-modernidade: “a cidade parecia um teatro, uma série de palcos em que os indivíduos podiam operar sua própria magia distintiva enquanto representavam uma multiplicidade de papéis”. O meio urbano, como representação concreta da pós-modernidade, é um labirinto, uma rede diversa de interações sociais onde cada indivíduo exerce um diferente papel. Por esse viés, o conto de Figueiredo, ao tratar do teatro e de suas metamorfoses, faz alusão ao novo estilo de vida que permite que cada um se transforme em outra versão de si, apoderando-se de muitas personalidades nos palcos das novas (des)estruturas sociais.

Ainda em relação ao enredo, na saída do teatro, quando o espetáculo acaba, o narrador percebe que há outra pessoa semelhante a ele no ambiente, mas um pouco mais novo: “experimentei o temor de estar sendo sorrateiramente substituído” (FIGUEIREDO, 2001, p. 540). Com o aparecimento do duplo, o que chama atenção é o medo do personagem que, ao se deparar com outro igual a si próprio, teme se tornar dispensável. O receio da substituição condiz com a volatilidade e a rapidez da pós-modernidade, em que tudo se torna efêmero.

Depois de o narrador encontrar o duplo, sua rotina se transforma. Seus amigos passam a confundi-lo com essa outra pessoa semelhante e o personagem é visto em locais que nunca esteve, como se sua imagem estivesse em diferentes lugares ao mesmo tempo. Apesar do susto inicial, o narrador passa a acreditar que seu duplo é ele mesmo: “de uma maneira que eu mal percebi, passei pouco a pouco a acreditar que era eu mesmo que ia àqueles lugares e punha em prática aquelas ações” (FIGUEIREDO, 2001, p. 541).

De certo modo, é como se o narrador não só estivesse inserido na pós-modernidade, mas também a representasse ao absorver acontecimentos

que não viveu e incorporar elementos do passado como se fossem do seu presente. O narrador, ao se apoderar da experiência do outro, também se modifica e muda sua própria identidade: “tudo ia se incorporando à minha memória” (FIGUEIREDO, 2001, p. 542). Nas palavras de Harvey:

Rejeitando a ideia de progresso, o pós-modernismo abandona todo sentido de continuidade e memória histórica, enquanto desenvolve uma incrível capacidade de pilhar a história e absorver tudo o que nela se classifica como aspecto do presente (HARVEY, 2008, p. 58).

O protagonista, assim como suas múltiplas facetas no conto, pode ter diferentes significados, pois, nesse viés interpretativo, representa a pós-modernidade ao mesmo tempo que sofre os efeitos dela. Esse comportamento vai ao encontro das palavras de Lipovetsky (2004, p. 28), segundo as quais “a desagregação do mundo da tradição é vivida não mais sob o regime da emancipação, e sim sob a tensão nervosa”. No conto, o protagonista afirma: “[...] aos poucos, as atividades que esses desconhecidos atribuíam a mim começaram a me parecer familiares” (FIGUEIREDO, 2001, p. 542). Ou seja, o próprio personagem garante que seu passado foi ampliado, como se as vivências do duplo passassem a ser também dele.

Além disso, quando o narrador percebe as mudanças ao seu redor e, de certa forma, aceita seu duplo, ele passa a se sentir ainda mais vivo: “Minha vida abarcava muitas outras vidas e assim eu conseguia me sentir mais vivo do que nunca” (FIGUEIREDO, 2001, p. 542). Nesse trecho, há um enfoque na multiplicidade de identidades que o indivíduo passa a carregar. Assim, não há mais o sujeito cartesiano da modernidade, mas o ser fragmentado, visto que na pós-modernidade há a “total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico” (HARVEY, 2008, p. 49).

Essa ideia novamente se conecta com o sentido do duplo, amplamente utilizada na literatura³. Para Rosset (2008), a impressão de ter sido “duplicado” constitui uma ilusão filosófica por excelência. Há uma certa recusa do real e um desejo de fuga que gera ilusão no personagem. O duplo pode ser considerado, muitas vezes, uma esquizofrenia que impede o sujeito de ver sua realidade. Portanto, o personagem é permeado por uma aura de

³ O tema do duplo na literatura aparece com insistência no século XIX, mas sua origem é muito antiga, pois os personagens de sócia ou irmão gêmeo já existiam nos textos de Plauto. O duplo vai além da literatura, sendo também tematizado em outras artes (ROSSET, 2008).

mistério e pelo sentimento de algo indecifrável. Ainda, segundo Silva e Leite (2018, p. 298), “o encontro com o duplo apresenta-se sempre como inquietante e destabilizador para o sujeito, visto que o desdobramento introduz questionamentos sobre sua identidade e unidade”.

Ademais, outro aspecto presente na narrativa é a menção recorrente do número três – três homens parecidos, três atores, três amigos. O pensamento estruturalista da modernidade, com seus dualismos e verdades universais⁴, parece ter dado espaço a uma segmentação maior na pós-modernidade. A presença do *três* expande a questão do dual, ou seja, o duplo se multiplica e o indivíduo se fragmenta ainda mais, tal como a pós-modernidade, em que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

Além disso, a partir da personalidade do outro, o narrador, ao mesmo tempo que se fragmenta, sente-se parte da sociedade. Desde o aparecimento de seu duplo, é como se o protagonista tivesse ganhado reconhecimento e aceitação, já que todos na cidade passam a cumprimentá-lo e, em certa maneira, o conhecer. Nesse sentido, no trecho seguinte, há um deslumbramento com a possibilidade de não mais ser substituído, mas sim de se sentir parte de uma sociedade volátil e incerta:

Via as pessoas entrando e saindo pelas portarias dos prédios, contemplava a fila de cabeças voltadas para mim nas janelas dos ônibus e sabia que no mundo ninguém mais seria para mim um estranho (FIGUEIREDO, 2001, p. 542).

Tudo muda, porém, quando o narrador é convidado para o enterro de seu duplo. Nessa pós-modernidade da velocidade e volatilidade, até o sentimento de pertencimento do personagem foi breve: “Antes que eu me refizesse da surpresa, todos haviam ido embora sem sequer se despedir de mim” (FIGUEIREDO, 2001, p. 542). Com a morte de seu sócia, o narrador volta a ser a pessoa desconhecida, “um estranho, um intrometido”, pois ele se reconhece como uma espécie de duplo de seu próprio duplo, um intruso. Para Rosset (2008, p. 88), “o duplo é sempre intuitivamente compreendido como tendo uma realidade ‘melhor’ que a do próprio sujeito”. Depois da

⁴ “O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões de atemporais e universalizantes” (LYOTARD, 2009, p. 8).

morte do sócia, tudo o que o narrador achava que havia adquirido em termos de relacionamentos sociais desmanchou-se.

É nesse momento que o protagonista, sentindo-se hostilizado e rejeitado, resolve mudar para uma nova “[...] cidade que ouvia falar com tanta simpatia” (FIGUEIREDO, 2001, p. 542). O desenrolar do conto revela um movimento de continuidade, afinal, da mesma forma que a história inicia com o personagem se dirigindo a uma cidade, no momento conflituoso em que não se sente mais acolhido, ele resolve, novamente, mudar-se para outro local urbano.

Por esse viés, a impressão é de que o narrador anda em círculos. Ele está sempre à procura de um novo futuro e sempre preso a um passado que não o permite se sentir parte de uma comunidade e tampouco bem estabelecido em um determinado espaço. Para Hall (2006), quanto mais a vida local se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares, imagens da mídia e sistemas de comunicação, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, histórias e tradições, como se flutuassem livremente. Essa fluidez das relações e dos próprios espaços não permite que o protagonista encontre e se fixe em um local e em uma única identidade.

De forma quase inconsciente, o narrador tenta se adaptar a essa fluidez da pós-modernidade: “Tratei de me adaptar o mais depressa possível. Tentei refazer minha vida, reconstituir à minha volta um convívio humano que me justificasse” (FIGUEIREDO, 2001, p. 542). Contudo, em tempos tão pouco estáveis, esse processo torna-se árduo ao personagem. Ele acredita na constante possibilidade de solidez, embora sua realidade nunca o proporcione nenhum tipo de estabilidade: “Acho que eu poderia ter vivido assim bastante tempo, sem maiores problemas. Mas agora isso não será possível” (FIGUEIREDO, 2001, p. 542).

No final do enredo, em uma brincadeira com os desdobramentos do duplo, o narrador se depara com um novo duplo. Dessa vez, ele não mais está cercado de pessoas em uma aglomeração no teatro, mas se encontra em uma barbearia rodeado de espelhos. O espelho é um dos elementos recorrentes no texto literário por meio do qual se efetua a materialização do duplo, assim como a sombra, o reflexo, o retrato, entre outros (SILVA; LEITE, 2018). No instante em que o narrador olha seu reflexo e se confronta com a própria imagem, ele não vê mais apenas a si mesmo, mas enxerga sua outra personalidade, seu segundo duplo.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1986), o espelho pode significar a essência infinita contemplada em múltiplas formas que refletem a radiação de um ser único e representam as possibilidades que a essência tem para determinar a si mesma diante de sua própria infinidade. Para Rosset (2008), o espelho é uma falsa evidência, isto é, mostra não um eu, mas um inverso, um outro, uma superfície. Portanto, é possível inferir que, ao se olhar no espelho – com seus olhos de intruso – e enxergar o duplo, o narrador se confronta com outra faceta de si mesmo, que lhe é apresentada por meio dos seus “olhares diagonais”, sem, no entanto, manter correspondência com a realidade. Os reflexos que chegam até ele acabam sendo distorcidos e as imagens são fragmentadas, visto que ele está rodeado por espelhos que irradiam tanto sua imagem quanto a do ser semelhante a ele. Ou seja, a pós-modernidade, tida como um conceito abstrato, parece obter materialidade nessa parte do conto.

Além disso, quando o narrador encontra seu outro duplo, que é mais velho, o conto estabelece outro momento de ciclicidade. O protagonista destaca que, enquanto o primeiro duplo era um pouco mais novo que o personagem, o segundo parece um pouco mais velho, por isso, cria-se um elo temporal entre os três indivíduos, em uma linha de sucessão. Outrossim, se da primeira vez foi o protagonista que ficou desconfortável ao ver seu sócia, na segunda vez, é o duplo mais velho que “se agita” ao ver a figura do narrador.

Ao final da história, esse caráter cíclico se confirma. Quando o narrador sente “o calor das chamas estalando” (FIGUEIREDO, 2001, p. 543), ele reconhece e aceita que seu destino, assim como foi o destino de seu primeiro duplo, é a morte. Do mesmo modo como seu primeiro sócia morreu e foi colocado em um caixão que “deslizou por uma esteira na direção de uma porta e desapareceu no crematório” (FIGUEIREDO, 2001, p. 542), ele também irá desaparecer e ser substituído pelo segundo sócia. Ou seja, do mesmo modo que seu duplo sumiu, ele, na condição de *duplo de seu segundo duplo*, também tem como destino o desaparecimento.⁵

Assim, não é mais o duplo que é um intruso na vida do narrador, é o próprio narrador que se torna um invasor na existência de seus outros “eus”. Esse descentramento, portanto, pode ainda estar relacionado a uma crise de identidade, já que sequer a morte pode solucionar sua questão psicológica,

⁵ Outro trecho que reforça essa ideia aparece quando o narrador percebe que, nessa nova cidade, os passos de seu duplo mais novo serão repetidos por ele, de modo que o sócia mais velho “ainda vai ouvir falar muito” do narrador (FIGUEIREDO, 2001, p. 543), como ele próprio ouvira falar de seu primeiro duplo quando estava na cidade inicial.

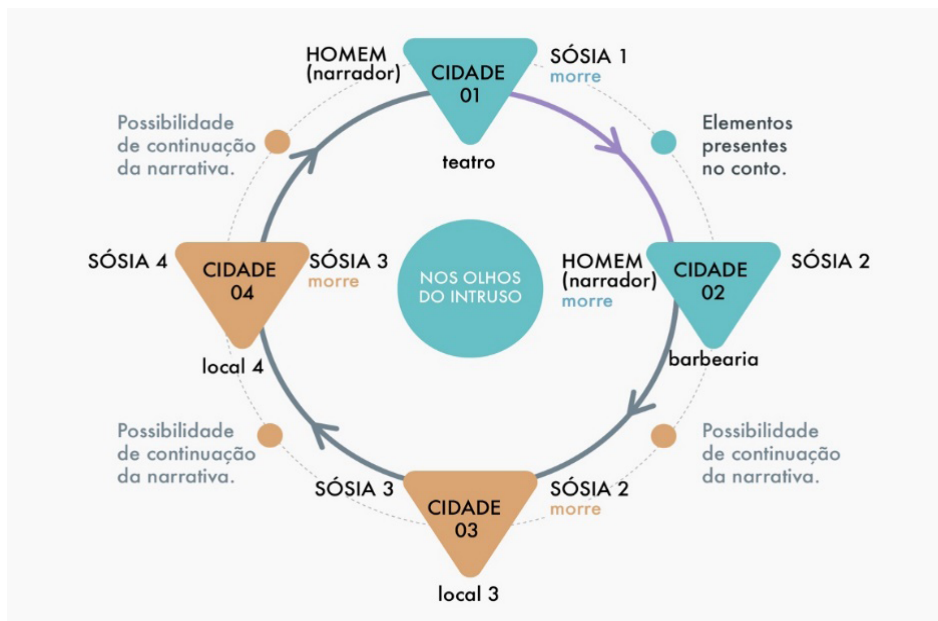
pois seu problema do desdobramento está relacionado à existência tida como duvidosa (ROSSET, 2008). Dessa forma, o leitor não tem certeza se o narrador é o verdadeiro personagem ou não passa de um duplo de alguém anterior, que, assim como ele, também cedeu espaço a outra identidade.

Na analogia com a pós-modernidade, as identidades não apenas coexistem como também se sobressaem, e é justamente nesse caos e instabilidade que o narrador flutua entre suas diferentes possíveis personalidades. Lyotard (2009) explica que, na condição pós-moderna, o que importa não é mais a verdade, mas o poder. Nesse sentido, a verdade do personagem e a veracidade dos acontecimentos a sua volta são secundárias diante de um mundo de transições e volatilidade. O que se sobressai é o desempenho do outro duplo, capaz de substituir o narrador no jogo da pós-modernidade.

Em suma, os efeitos da pós-modernidade alteram a realidade do indivíduo, e o próprio conceito de duplo passa por modificações, visto que não há apenas um sócio que aparece no enredo, mas dois. Isso vai ao encontro da ideia de que “[as identidades] oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um [indivíduo] se transforma no outro” (BAUMAN, 2005, p. 38).

A Figura 1 apresenta a relação entre os duplos por meio da multiplicação desses sócios, pois a narrativa é cíclica e pode ser continuada de acordo com as inferências de cada leitor. O primeiro triângulo apresenta a cidade inicial em que o homem (narrador) encontra seu primeiro duplo no teatro, que posteriormente morre. A flecha aponta para a segunda cidade, em que o mesmo homem encontra seu segundo sócio na barbearia, no entanto, quem morre é o próprio narrador. As cidades três e quatro apresentam possibilidades de continuação do conto em que novos personagens e duplos aparecem em diferentes locais urbanos, sendo continuamente mortos e substituídos.

Figura 1 – Os duplos da história e possibilidades de continuação da narrativa



Fonte: elaboração própria (2021).

Portanto, se o narrador sente que seu destino é, assim como o primeiro duplo, ser cremado, ele acaba se tornando o sósio do seu duplo visto na barbearia. Assim, há um sem-fim de sucessões de identidades e de personagens que podem também ser analisados como sendo apenas o protagonista e suas diversas fragmentações causadas em seu contexto histórico e pelo ambiente urbano pós-moderno que habita. Para Hall (2006), a globalização tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, o que as torna mais diversas e menos fixas. Ainda, nas palavras de Rosset (2008, p. 48):

Toda duplicação supõe um original e uma cópia, e se perguntará quem é o modelo e quem o duplica [...]. O único, o real e o acontecimento possuem, então, esta extraordinária qualidade de ser, de certo modo, o outro de coisa nenhuma, de parecer o duplo de uma outra realidade que se dissipa perpetuamente no limiar de qualquer realização.

Essa ideia de fragmentação fica mais nítida quando o narrador que tanto havia falado de seu sósio na primeira cidade afirma que seu segundo duplo ouvirá falar muito dele a partir de sua chegada ao novo espaço urbano.

Esses duplos, portanto, expandem-se para além da mera representação da dualidade, pois, em um diálogo com a sociedade pós-moderna, também se fracionam e se transformam continuamente em uma identidade múltipla, fluida, efêmera e transitória.

4 Considerações finais

No conto “Nos olhos do intruso”, de Rubens Figueiredo, o protagonista e seus duplos permitem estabelecer relações com a condição do sujeito e suas identidades na pós-modernidade. Sem descrições físicas, sem nome e sem localização exata no tempo e no espaço, o personagem central do enredo pode ser analisado por meio de aproximações com esse período: multiforme, móvel, descentrado, deslocado, intruso em seu próprio meio e em seu próprio corpo. Todas as noções do sujeito moderno parecem ter se dissolvido, possibilitando que a ideia de uma identidade fluida emergisse e, com ela, uma forma de ver as coisas que se aproxima do delírio. Ao contrário de explicar a pós-modernidade, o texto se baseia na observação da própria sociedade, problematizando os indivíduos e suas identidades.

Nessa gama de possibilidades e identidades, o indivíduo perde seu eixo e se sente desajustado em seu meio, numa constante busca por si mesmo. Por esse viés, a narrativa se baseia na ideia do duplo, mas vai além dela, *duplicando o duplo*. A velocidade da pós-modernidade faz com que a própria relação entre o homem e seus duplos seja efêmera, visto que um personagem substitui o outro, de modo que nenhum deles possa ser considerado permanente ou “original”. Em um diálogo com o período pós-moderno, não há uma verdade absoluta que guie a história, o que amplia as possibilidades de sentido do texto.

De forma cíclica, e, portanto, contínua, o autor desenvolve um protagonista incapaz de ser um só. Dividido em vários, ele foge de um duplo e se depara com outro, sentindo-se não apenas ameaçado, mas também facilmente substituído. Através de mudanças e fugas, sua sina é sempre a mesma: ver a si próprio refletido no outro e ser incapaz de se fixar em um local e em uma identidade.

Assim, “a continuidade da condição de efemeridade e descontinuidade” (HARVEY, 2008, p. 49) é a única característica que se mantém no conto, enquanto o protagonista, seus duplos e seu entorno urbano permanecem em constantes mudanças e fragmentações. Da mesma forma como no poema “Espelho”, de Cecília Meireles, o personagem teve muitas identidades, só não pôde ser como quis.

Referências

- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, Alain. *Dicionario de los símbolos*. Barcelona: Herder, 1986.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- FIGUEIREDO, R. Nos olhos do intruso. In: MORICONI, Ítalo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1995.
- HALL, S. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2008.
- LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MARÇAL, M. A tensão entre o fantástico e o maravilhoso. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, v. eletrônico, n. 3, p. 1-8, 2009. Disponível em: http://www4.pucsp.br/revistafrenteiraz/numeros_anteriores/n3/download/pdf/tensao.pdf Acesso em: 19 nov. 2021.
- MEIRELES, C. *Flor de Poemas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ROSSET, C. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- SILVA, A. M. M.; LEITE, F. E. G. Sob o domínio do duplo: um estudo comparativo de dois contos de Ignácio de Loyola Brandão. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 54, p. 297-318, maio/ago. 2018.